

PDT luta por voto paulista

por Maria Luisa Teixeira
de São Paulo

São Paulo, onde se concentra 21% do eleitorado brasileiro, é o ponto fraco do candidato do PDT à Presidência da República, Leonel Brizola. Segundo colocado nacionalmente nas pesquisas de intenção de voto — em primeiro está Fernando Collor de Mello (PRN) — o ex-governador tem apenas 3% entre os paulistas e para agravar essa dificuldade, seu partido também tem tido fraco desempenho no estado. Diante de tais fatos, a preocupação dos pedetistas de São Paulo é com a preparação do partido para trabalhar pela elevação do índice de Brizola na região ao longo dos cinco meses que antecedem a eleição de 15 de novembro. "Ainda estamos em fase de estruturação da campanha, de montagem de comitês, financiando estacas", pondera o secretário-geral do PDT em São Paulo, José Ibrahim, concordando que o quadro atual é desfavorável.

Empenhado na organização partidária, que considera a "espinha dorsal" da campanha que deverá sair à rua depois da convenção nacional do PDT no próximo dia 25, Ibrahim, apesar de observar "resultados

palpáveis" em seu trabalho, confia principalmente no "carisma" de seu candidato. Brizola nunca fez campanha em São Paulo e sua votação pode surpreender, argumenta o líder partidário: "Numa eleição solteira, os partidos têm papel importante, porém o candidato pesa mais. Nossa expectativa é chegar a uma votação entre 12 e 15% em São Paulo". Atingir essa cifra, acredita Ibrahim, vai ser possível quando Brizola ocupar o espaço gratuito no horário eleitoral do rádio e da televisão. "Ele vai polarizar a votação com um candidato da direita e poderá ser beneficiado com o voto útil", prevê.

O secretário-geral do PDT em São Paulo admite que vai ser preciso "muito fôlego" para enfrentar a corrida à sucessão presidencial e uma estrutura sólida será de grande ajuda a qualquer candidato. Ele também reconhece as dificuldades do PDT entre os paulistas — conseguiu eleger apenas 20 prefeitos e 315 vereadores nas últimas eleições municipais — e as atribui a três grandes crises que atingiram a legenda no estado.

A primeira ocorreu quando o presidente regional, o ex-prefeito de Osasco, Gualberto Piteri, saiu do partido, após a campanha de 1982.

Rogê Ferreira, que assumiu o posto, mas permaneceu no PDT só até 1983, deflagrou a segunda. Adhemar de Barros Filho o substituiu e foi o causador da mais recente dissidência ao abandonar a legenda neste ano, o ano da campanha para a eleição presidencial.

"O diretório foi dissolvido e formamos uma executiva provisória. Todo esse processo foi traumático, mas considero positivo que agora o partido está assumindo a sua cara em São Paulo. Permanece entre nós o pessoal que tem tradição de luta e perfil progressista.

A mudança já foi notada por companheiros que têm uma identificação com o PDT nacional. Antes eles não se aproximavam da direção paulista e hoje têm um comportamento diferente", constata Ibrahim.

Nesta fase de preparação de campanha, a grande meta dos partidários de Brizola em São Paulo — o PDT tem 125 mil filiados no interior do estado e 25.273 na capital — é fortalecer as bases do partido para a batalha eleitoral. No interior, o PDT tem atualmente 306 diretórios e 101 comissões provisórias: "Para completar os municípios paulistas falta fazer 164 comissões. Como em 135 mu-

nicipios contamos com filiados, só vamos ter dificuldades em 29 cidades e nenhuma delas é de grande importância", calcula Ibrahim. Na capital, estão em atividade trinta diretórios e cinco comissões provisórias. "Isso fecha a estrutura necessária na cidade que está dividida em 35 zonas eleitorais."

"Não é nossa intenção transformar as comissões provisórias em diretórios", explica o secretário regional do PDT: "Queremos deixar a disputa interna, que sempre existe em um partido com vitalidade política como o nosso, para depois". Com a idéia de agrupar forças, também estão sendo promovidas reuniões regionais para debater a campanha. Já houve encontros em Campinas, no ABC, no Vale do Paraíba e em Osasco. "Vamos canalizar nossas energias para a campanha", garante Ibrahim, acrescentando que a grande dianteira tomada pelo candidato do PRN, Collor de Mello, não causa preocupação aos pedetistas. "Nossa única dúvida é quem vai polarizar com Brizola pela direita no segundo turno. Será melhor para nós se for com o Collor. Se for Ulysses (PMDB), aí então o páreo será duro", avalia Ibrahim.